

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**CURSO DE PEDAGOGIA**



**UNICAMP**



1290000188



FE

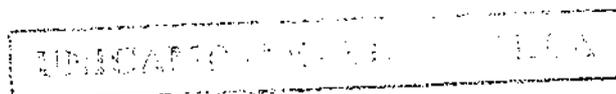
TCC/UNICAMP R735e

**EDUCAÇÃO PARA TODA A VIDA E VELHICE BEM-SUCEDIDA**

**MARIA JOSÉ LEONI ROSSETTO**

**CAMPINAS**

**2002**



UNIDADE	FE
Nº C. AMARELO	
TC	- UNICAMP
R	735 e
V.	
TE	188
PER	124/2003
C.	
PREÇO	11,00
DATA	03/11/03
Nº CPD	22b = 308058

**Catálogo na Publicação elaborada pela biblioteca  
da Faculdade de Educação/UNICAMP**  
Bibliotecário: Gildenir Carolino Santos - CRB-8ª/5447

R735e Rossetto, Maria José Leoni.  
Educação para toda a vida e velhice bem sucedida / Maria José Leoni  
Rossetto. -- Campinas, SP: [s.n.], 2002.

Orientador : Anita Liberalesso Neri.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de  
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Universidades da Terceira Idade 2. Idosos – Educação. 3.  
Professores – Formação. 4. Perfil profissional. 5.. Educação permanente.  
I. Neri, Anita Liberalesso II. Universidade Estadual de Campinas.  
Faculdade de Educação. III. Título.

02-0201-BFE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como exigência parcial para a LICENCIATURA  
do CURSO DE PEDAGOGIA da Faculdade de  
Educação UNICAMP.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Anita Liberalesso Neri.

Co-orientadora: Doutoranda Meire Cachioni.

*Dedico a você, Dete (in memoriam),  
cuja jornada foi interrompida.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço especialmente a Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Anita Liberalesso Neri pela sua generosidade e competentíssima orientação, pela oportunidade de aprender muito e grande privilégio de trabalharmos juntas.

À Meire Cachioni, como co-orientadora, doutoranda em Educação desta Faculdade, que me colocou em contato com a literatura relevante na área, pelas fundamentais e precisas análises e sugestões. Pôs em minhas mãos sua dissertação de mestrado e seu projeto de doutorado, documentos fundamentais ao embasamento deste trabalho. Discutiu longamente, idéias, conceitos, e objetivos para este trabalho, mesmo antes da proposição do nosso projeto. Contribuiu para a organização formal da monografia.

Aos professores, colegas e funcionários que fizeram do curso de graduação uma inesquecível experiência de vida.

Ao meu marido Edson, e minha filha Isis que me incentivaram sem cobranças nos meus objetivos.

A todos os adultos maduros e idosos que através de observações ou informações, colaboraram comigo passando preciosos dados de experiência de vida para reafirmar a literatura e enriquecer este trabalho.

## SUMÁRIO

Apresentação .....	8
Introdução .....	9
1. Benefícios da educação voltada à adultos maduros e idosos: uma revisão de literatura .....	13
1.1. A Universidade da Terceira Idade como local de desenvolvimento da educação permanente.....	16
2. Por quê adultos maduros e idosos frequentam Universidades da Terceira Idade: uma revisão de literatura.....	23
3. A necessidade de formar professores especializados em educação permanente para atender o segmento idoso .....	27
Conclusão .....	31
Referências Bibliográficas.....	35

## APRESENTAÇÃO

Tomando como ponto de partida a própria necessidade de voltar a estudar aos quarenta e oito anos, idade madura portanto; considerando de um lado a necessidade econômica e do outro a atualização de conhecimentos, iniciei a minha jornada de formação nesta Universidade.

Ao finalizar o curso de Pedagogia, fui acolhida com todo carinho pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Anita Liberalesso Neri responsável pelo curso de Pós-Graduação em Gerontologia na FE, que me sugeriu o tema do presente trabalho para a Conclusão de Curso.

Me senti realizada com a literatura. Tomei como base o Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI organizado por DELORS, J. (2001): *Educação um tesouro a descobrir*. Nesta obra, a educação é demonstrada com novos conceitos e princípios, reafirma a necessidade de uma formação permanente entre os indivíduos de todos os grupos etários.

Tive também como literatura de apoio, temas sobre o envelhecimento<sup>1</sup> e sobre a velhice<sup>2</sup> para compreender o adulto maduro<sup>3</sup>, os idosos<sup>4</sup> e suas características.

Abordo neste trabalho a necessidade de uma educação ao longo da vida; uma educação dirigida por profissionais especializados, que valorizem e percebam a velhice como uma etapa da vida com possibilidades de desenvolvimento e aprendizagem.

---

<sup>1</sup> Processo de mudanças universais pautado geneticamente para a espécie e para cada indivíduo, que se traduz em diminuição da plasticidade comportamental, em aumento de vulnerabilidade, em acumulação de perdas evolutivas e no aumento da probabilidade de morte. O ritmo, a duração e os efeitos desse processo comportam diferenças individuais e de grupos etários, dependentes de eventos de natureza genético-biológica, sociohistórica e psicológica (Neri, 2001).

<sup>2</sup> Última fase do ciclo vital determinada por eventos de natureza múltipla, incluindo por exemplo perdas psicomotoras, afastamento social, restrição em papéis sociais e especialização cognitiva. À medida que o ciclo vital humano se alonga, a velhice passa a comportar subdivisões que atendem a necessidades organizacionais da ciência e da vida social (Neri, 2001).

<sup>3</sup> Expressão comumente usada num sentido positivo, e apontadas como preferíveis a “idoso” e “velhice”, termos tidos por muitos como pejorativos (Neri e Freire, 2000).

<sup>4</sup> São populações ou indivíduos que podem ser assim categorizados em termos da duração do ciclo vital. Segundo convenções sociodemográficas atuais os idosos são pessoas de mais de 60 anos, nos países em desenvolvimento, e de mais de 65, nos países desenvolvidos. No entanto, para além de critérios cronológicos, à medida que o ciclo vital da humanidade se alonga, aumenta substancialmente a heterogeneidade entre os idosos (Neri, 2001).

## INTRODUÇÃO

Vários autores afirmam, e a realidade confirma, que estamos num mundo de constantes mudanças. Uma nova perspectiva de educação é evidente para este momento. Gerar e organizar melhores condições e oportunidades para que todos tenham possibilidade de crescer e criar, para seu próprio bem-estar e da comunidade a que pertence, constitui-se no grande desafio para a educação desse novo século.

A preocupação dos especialistas das áreas de educação e de gerontologia é que através de uma educação renovada e dirigida, o indivíduo tenha uma velhice bem-sucedida<sup>5</sup>, apreciando as conquistas do conhecimento, despertando a curiosidade intelectual, estimulando o sentido crítico, tendo autonomia na capacidade de discernir.

A educação ao longo da vida deve fazer com que cada pessoa saiba conduzir seu destino e exerça ativamente sua cidadania. Esta educação que se firma com novos conceitos e objetivos, tem a responsabilidade no desenvolvimento contínuo, tanto dos indivíduos como das sociedades.

O Relatório para a Unesco (Delors, 2001) dedica-se à educação permanente, definindo-a como a chave que abre as portas do século XXI. Salienta que qualquer etapa da vida é momento de aprender e desenvolver talentos.

Sabemos que é humanamente impossível uma pessoa acumular, desde o início da vida, uma determinada quantidade de conhecimentos e com eles resolver indefinidamente seus problemas e situações emergentes. Como aponta o referido Relatório, a vida é plena de desafios constantes e precisamos estar preparados para derrubar obstáculos e conquistar nossos ideais.

*(...) frente aos múltiplos desafios do futuro, a educação surge como um trunfo indispensável à humanidade na sua construção dos ideais de paz, da liberdade e da justiça social ... a educação no papel essencial para o desenvolvimento contínuo, tanto*

---

<sup>5</sup>Os principais conceitos associados ao termo *velhice bem-sucedida* são os seguintes: baixo risco de doenças e de incapacidades relacionadas a doenças; funcionamento mental e físico excelentes; envolvimento ativo com a vida (Neri, 2001).

*das pessoas como das sociedades. Não como um remédio milagroso, não como um “abre-te sésamo” de um mundo que atingiu a realização de todos os seus ideais mas, entre outros caminhos e para além deles, como uma via que conduza a um desenvolvimento humano mais harmonioso, mais autêntico, de modo a fazer recuar a pobreza, a exclusão social, as incompreensões, as opressões, as guerras... (Delors, 2001: 11).*

Com a modernização tecnológica dos meios de comunicação, os fatos mundiais chegam até nós rapidamente. Neste contexto, a educação é a fonte que necessitamos para enfrentar este e outros desafios, através da atualização de conhecimentos.

*“Vivemos numa sociedade em que se multiplicam as possibilidades de acesso a dados e fatos, neste sentido a educação deve permitir que todos possam reconhecer, selecionar, ordenar, gerir e utilizar as mesmas informações. A educação deve pois, adaptar-se constantemente as transformações da sociedade, sem deixar de transmitir as aquisições e os saberes básicos, frutos da experiência humana” (Palma e Cachioni, 2002).*

Sendo a educação o meio pelo qual depende o desenvolvimento humano, somado ao fator “globalização”, são apontados pela Comissão Internacional de Especialistas em Educação, quatro aprendizagens fundamentais, que serão os pilares do conhecimento. Os quatro pilares do conhecimento que acompanharão o indivíduo ao longo de toda a vida, são a seguir:

*Aprender a conhecer:* é necessário tornar prazeroso o ato de compreender, descobrir, construir e reconstruir o conhecimento. Urge valorizar a curiosidade, a autonomia e a atenção. É preciso aprender a pensar, pensar também o novo, reinventar o pensar.

*Aprender a fazer:* não basta preparar-se profissionalmente para o trabalho. Como as profissões evoluem muito rapidamente, vale mais a competência pessoal, que torna a pessoa apta a enfrentar novas situações de emprego e a trabalhar em equipe, do que a pura qualificação profissional. É essencial saber trabalhar coletivamente, ter iniciativa, gostar de

uma certa dose de risco, ter intuição, saber comunicar-se, saber resolver conflitos e ser flexível.

*Aprender a viver juntos:* no mundo atual, a tendência é a valorização de quem aprende a viver com os outros, a compreender os outros, a desenvolver a percepção da interdependência, a administrar conflitos, a participar de projetos comuns, a ter prazer no esforço comum.

*Aprender a ser:* é importante desenvolver sensibilidade, sentido ético e estético, responsabilidade pessoal, pensamento autônomo e crítico, imaginação, criatividade, iniciativa e desenvolvimento integral, não negligenciando nenhuma das potencialidades de cada indivíduo (Delors, 2001).

De acordo com Lima (2001) cada um desses pilares deve merecer a mesma atenção, a fim de que a educação apareça como uma experiência global ao longo de toda a vida, tanto no plano cognitivo como no prático, para o indivíduo enquanto pessoa e membro da sociedade; um processo individualizado e uma construção social interativa.

A tendência para prolongar a escolarização e o tempo livre deve levar os adultos a apreciar cada vez mais, as conquistas do conhecimento, a despertar a curiosidade intelectual, estimular o sentido crítico.

A educação ao longo da vida deve fazer com que cada indivíduo saiba conduzir o seu destino e garanta o exercício de uma cidadania ativa.

Logo, acreditamos que é efetivamente pela educação que vamos auxiliar os idosos a exercer sua cidadania, para que possam sentir a necessidade de mudança, de união e criação de espaços para tornar visíveis suas necessidades.

Os programas educacionais para adultos maduros e idosos funcionam como instrumento para prolongar o processo de socialização que se inicia na infância, atravessa a adolescência, atinge a idade adulta e a velhice. A pessoa idosa continua a ser considerada como objeto, sujeito e agente da socialização – próprio e do outro. Se na infância e adolescência, a atualização dos valores e normas ocorre especialmente através da escola, na

Terceira Idade<sup>6</sup> a educação é concebida como oportunidade de atualização, aquisição de conhecimentos e participação em atividades culturais, sociais, políticas e de lazer. Por outro lado, o idoso será considerado mais como agente do que como objeto da ação educativa (Pereira, 1980 *apud* Cachioni, 1998).

É nesta perspectiva, que pensamos na educação voltada para o adulto maduro e o idoso, como um princípio pedagógico por meio do qual indica-se que o processo educativo é contínuo, ao longo da vida dos indivíduos e em todas suas circunstâncias, supõe ações de capacitação, atualização e aperfeiçoamento.

Nesta linha de pensamento, pretendemos fazer uma análise da literatura, visando identificar os benefícios da educação dirigida à idosos, e visando estabelecer uma pauta para as instituições e a formação dos que lidam com a educação de idosos.



---

<sup>6</sup> Termo cunhado na França, na década de 1960, para designar a idade em que a pessoa se aposenta. A expressão pareceu ser mais soante do que “velhice”, para nominar essa categoria emergente. Atualmente é amplamente utilizada nos programas educacionais voltados à este segmento da população (Neri e Freire, 2000).

# 1. BENEFÍCIOS DA EDUCAÇÃO VOLTADA A ADULTOS MADUROS E IDOSOS

*“O hábito de periodizar a vida, tão caro à Psicologia do Desenvolvimento tradicional, é responsável pela veiculação de um conceito que guarda estreita relação com atitudes sociais e individuais em relação ao envelhecimento: o tempo determina transformações, expectativas de comportamento típico ou apropriado a cada idade, inclusive à velhice, e faz com que as pessoas percam de vista o caráter heterogêneo da experiência da velhice” (Neri, 1993)*

O envelhecimento é uma realidade da qual ninguém escapa; implica vários fatores de ordem biológica, psicológica e social. De acordo com pesquisas e estudos feitos em várias áreas do conhecimento, esta etapa da vida pode ser encarada com ganhos e não apenas com perdas.

Segundo Neri e Cachioni (1999) *“a velhice não pode ser mais vista como um período de perdas, de espera do fim, mas sim uma etapa da vida que seja possível a continuação da aprendizagem”*. As autoras afirmam que estudos tem mostrado que é possível melhorar a memória, a cognição, a solução de problemas e a percepção de controle, entre outros aspectos comportamentais do adulto maduro e do idoso, por intermédio de programas de educação permanente.

Voltando a estudar, o idoso tem chance de mudar o rumo de sua vida, redimensioná-la e redirecionar suas ações para ter liberdade de escolhas, emergir com novos pensamentos, novas maneiras de ser e estar no mundo. Criar novos projetos após os 60, 70 anos em diante (Lima, 2001).

Com a modernização de códigos morais da sociedade, com o desenvolvimento tecnológico, como por exemplo a *internet*, bem como as mudanças na economia provocaram um isolamento entre as gerações. Portanto a educação propicia uma excelente oportunidade para a interação entre as mesmas, *“(…) uma das funções dessa interação seria propiciar aos*

*idosos o desenvolvimento dos sentidos de realização pessoal e de pertencimento à sociedade”* (Pereira da Silva, 1999).

Nos trabalhos realizados por Cachioni (1998) e Pereira da Silva (1999) podemos localizar vários estudos que comprovam a importância e o impacto da educação, sobre os aspectos biopsicossociais dos idosos envolvidos em atividades educacionais. A seguir destacamos:

- Goldstein (1995) concluiu que os programas educacionais direcionados a adultos maduros e idosos proporcionam a esses indivíduos a oportunidade de obter suporte emocional, informacional e instrumental, podem ter efeitos poderosos no enfrentamento do estresse e, conseqüentemente, contribuem para um envelhecimento bem-sucedido.
- Browning (1995) destaca que os programas educacionais direcionados aos idosos propiciam benefícios em sua vida diária, promovem o bem-estar, reavivam fatores motivadores para a aprendizagem, que estavam escondidos desde a juventude, e contribuem para a aquisição de novas habilidades cognitivas em atividades práticas.
- Panayotoff (1993) a educação promove sentimentos de bem-estar, proporciona relações interpessoais e tem impacto positivo na vida dos idosos no que se refere à depressão, à satisfação social e aos sintomas de envelhecimento; concluiu, assim, que a educação funciona como um espaço terapêutico para os idosos.
- Manheimer e Snodgrass (1993) os programas educacionais para pessoas da Terceira Idade contribuem para o crescimento pessoal, proporcionam oportunidades de trabalhos na comunidade, favorecem o desenvolvimento da criatividade e da produtividade, criam espaços de socialização e aquisição de novos conhecimentos, e podem contribuir com novas concepções e atitudes favoráveis em relação à velhice.
- Erbolato (1996) aponta benefícios nas áreas pessoal, intelectual e social. Alterações positivas nas concepções de envelhecimento, nos cuidados com a saúde, na rotina de vida, no enfrentamento de problemas, no relacionamento com os amigos e na auto-percepção.

- Cachioni (1998) ao investigar uma Universidade da Terceira Idade verificou que o programa influenciou: o auto-conceito, o senso de auto-eficácia, o bem-estar subjetivo e a perspectiva sobre o curso de vida. O impacto maior foi sobre o auto-conceito, ligado a alterações na imagem social e no aumento da confiança nas próprias capacidades. Ocorreu benefícios ao bem-estar subjetivo, envolvendo os indicadores: saúde percebida, satisfação, funcionalidade física e atividade, juntamente com atitudes em relação ao idoso, expectativa em relação ao futuro e relações familiares. Os aspectos de sua experiência que mais foram beneficiados, segundo as participantes foram: as atitudes em relação ao idoso e em relação ao jovem, a atividade, a percepção da capacidade física, a cognição, as expectativas em relação ao futuro, as relações familiares, a satisfação global e a saúde física percebida.
- Pereira da Silva (1999) verificou que para a maioria dos sujeitos que participavam de uma Universidade da Terceira a principal motivação para freqüentar o programa era a necessidade de aumentar conhecimentos; depois a busca de oportunidades de desenvolvimento pessoal, a seguir a necessidade de aumentar o contato social, e por último, a busca por uma ocupação do tempo livre de forma útil. Independentemente do modo como ordenaram esses motivos, os idosos descreveram-se como muito satisfeitos com seu envolvimento na atividade de educação.

*“A educação permanente possui efeitos claros compensatórios e estimulantes sobre o envelhecimento bem-sucedido. Ao favorecer a interação social rompe o possível isolamento que esteja sendo experimentado pelos idosos, ajuda-os a conviver num mundo em mudança e possibilita o desempenho ou a continuidade dos papéis sociais. Também colabora para o desenvolvimento de habilidades de enfrentamento, além de se constituir numa possibilidade de realizar aspirações educacionais nunca antes alcançadas”* (Pereira da Silva, 1999).

Podemos perceber que existem evidências nas pesquisa de que a participação em iniciativas educacionais têm relação com a implementação da atividade, da interação

social, da satisfação, da saúde percebida e das habilidades cognitivas entre os participantes; todos estes elementos são indicadores de um envelhecimento bem-sucedido.

## 1.1. A UNIVERSIDADE DA TERCEIRA IDADE COMO LOCAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO PERMANENTE

Para Randell e Mason (1995 *apud* Pereira da Silva, 1999) várias são as justificativas invocadas para o investimento na educação para idosos. Nunca tantas pessoas viveram tanto, aposentando-se mais cedo e tendo maior tempo disponível para atividades que não estejam relacionadas ao mundo do trabalho; a velhice hoje é vista com outros parâmetros e a autonomia do idoso está sendo mais relevada que no passado. A educação não previu estas mudanças na sociedade e teve que abrir lacunas para a educação de adultos e idosos. Está havendo um colapso nas propostas educacionais que investem na segregação da velhice.

A França, país com longa tradição em experiências anteriores na educação de adultos, especialmente nas áreas de educação para a saúde, alfabetização e preparação para o trabalho, é a pioneira na criação da Universidade da Terceira Idade. Iniciada em 1973 tem como intuito *tirar os idosos do isolamento, propiciar-lhes saúde, energia e interesse pela vida e modificar sua imagem perante a sociedade, foram desde o início os objetivos do programa... é possível compensar todo o tipo de dificuldade devido à idade e obter novas possibilidades de vida e bem-estar graças a uma ação apropriada composta de vida social, exercícios físicos, atividades culturais e medicina preventiva* (Vellas, 1997 *apud* Cachioni, 1998).

Pierre Vellas, professor de Direito da Universidade de Ciências Sociais de Toulouse, sensibilizado com a realidade dos idosos franceses, fundou a primeira Universidade da Terceira Idade. O programa foi composto de atividades intelectuais, artísticas, culturais, físicas, médicas e lúdicas; tais como palestras, debates, cursos de idiomas, expressão artística e pintura, caminhadas, esportes, excursões, viagens, mesas-redondas sobre neurologia, psiquiatria, cardiologia, etc.

A experiência foi tão bem aceita que depois de um ano a Universidade da Terceira Idade de Toulouse tornou-se permanente com cursos regulares durante o ano inteiro.

O sucesso deste programa foi tão grande que em pouco tempo se estendeu por todo o mundo, como a Bélgica, Suíça, Polônia, Itália, Espanha, Canadá (Quebec), Estados Unidos (Califórnia), alguns países da América Latina, como Uruguai, Paraguai, Bolívia, Argentina e Brasil.

Atualmente estima-se 1.200 Universidades da Terceira Idade espalhadas pelo mundo. Estas Universidades começaram a abrir um espaço educacional, tanto para a população idosa como para profissionais interessados no estudo das questões do envelhecimento. Entre os adultos maduros e idosos predomina a oferta de programas de ensino, saúde e lazer, frente aos quais, acredita-se que esta população vem encontrando possibilidades de combinar desenvolvimento da sociabilidade e educação permanente, como aponta Cachioni (1998).

Em 1975, a necessidade de se criar uma organização foi evidente devido a aceitação visível dos programas destas Universidades – AIUTA (Associação Internacional de Universidades da Terceira Idade) é um órgão reconhecido pela ONU, OMS, UNESCO, Conselho da Europa e outras organizações internacionais, que anualmente reúne pesquisadores, estudantes, especialistas das Universidades associadas, com objetivo de promover o caráter científico das assembléias.

Com a rápida expansão das Universidades da Terceira Idade surgiram dois modelos de programas: *o modelo francês*, que tem suas bases a partir do sistema tradicional universitário, recebendo alterações à medida que a clientela se tornou heterogênea. O programa passou a ser oferecido também por outras instituições, atendendo a aposentados precoces, donas de casa, desempregados e pessoas que, de alguma forma, haviam sofrido desvantagens educacionais. Os programas e os nomes foram se alterando de acordo com as necessidades da clientela. Os cursos oferecidos variam em conteúdo, maneira de apresentação e formato. Os países que hoje seguem este modelo são: Espanha, Alemanha, Suíça, França, Bélgica, Polônia, Portugal, Japão, Suécia, Finlândia, Argentina e Brasil.

O *modelo inglês*, nasceu em Cambridge, em 1981, fruto de uma substancial modificação do modelo francês. Para os criadores deste modelo, as pessoas que frequentam o programa podem atuar tanto como professores quanto como alunos, com possibilidades de se engajarem em pesquisas. Considerando que todos os especialistas de todas as áreas envelhecem e chegam à aposentadoria, logo o objetivo do programa baseia-se na auto-ajuda. Ao contrário do modelo francês apresenta baixo custo aos participantes, horários, currículos e métodos bem flexíveis e sem restrições acadêmicas para o ingresso. Seus seguidores são: Grã-Bretanha (Inglaterra, Escócia, País de Gales e Irlanda do Norte), Austrália, Nova Zelândia, República Tcheca. Os países Estados Unidos, Canadá, Holanda, Itália e China, adotaram o modelo francês e inglês (Cachioni, 2002).

Na América do Sul o primeiro país a se associar à AIUTA e aderir ao programa foi o Uruguai, criando a UNI3 em 1983, com sede no Instituto de Estudos Superiores de Montevideu, fundada nos princípios da UNI3 de Genebra. que posteriormente se expande por vários países da América do Sul incluindo o Brasil. Seu programa se caracteriza por uma modalidade de ensino não formal, intergeracional e fundamentado na Educação Permanente, cuja finalidade, consiste em preservar a autonomia do idoso, reivindicando seus direitos, participando como membro ativo da comunidade. Os objetivos gerais do programa da UNI3 são:

- recuperar o valor social, cultural, moral e econômico do adulto maduro e do idoso;
- atualizar o adulto, provendo sua auto-estima e permitindo que tenha uma vida mais útil e plena;
- alcançar saúde física e psíquica e bem-estar social por meio da educação;
- capacitar o adulto maduro e o idoso ao retorno no mercado de trabalho;
- ajudar o aluno a acompanhar o avanço tecnológico e as mudanças que estão ocorrendo no mundo.

Os frequentadores das UNI3, são de todas as faixas etárias, sendo a maioria adultos maduros e idosos. Se reúnem com o propósito de iniciar a caminhada de integração num mundo de rápidas mudanças, através da assistência do Animador Sociocultural (curso oferecido pela UNESCO aos professores das UNI3), que tem o papel de estimular e

compartilhar a busca do participante. Através dessa busca do conhecimento os alunos procuram o encontro consigo mesmo e a recuperação de sua imagem. Encontram assim, oportunidade para liberar-se de suas inibições, medos, inseguranças e, para dar lugar a sua autenticidade (Bayley, 1994 *apud* Cachioni, 1998).

*“O movimento internacional de Universidades da Terceira Idade expandiu-se por todo o mundo, refletindo as perspectivas francesa e inglesa e sofrendo modificações e adaptações locais, conforme as necessidades sociais em cada contexto e dependendo do perfil educacional e econômico das diferentes populações idosas, em face do envelhecimento populacional dos seus países. Quer sejam Instituições Públicas ou Privadas, de baixo ou alto custo, com diferentes propostas acadêmicas e políticas, essa instituição tem dado conta de fornecer oportunidades de compensação e enriquecimento cognitivo, integração e reconhecimento social, satisfação e envolvimento às coortes mais velhas”* (Cachioni, 2002).

No contexto brasileiro a primeira iniciativa de educação surgiu na década de 60, que já percebendo o aumento gradativo de idosos, o Serviço Social do Comércio - SESC implantou sua primeira *experiência educacional voltada para adultos maduros e idosos*, usando a mesma metodologia de serviço social e desenvolvimento da sociabilidade, que era realizada em crianças, jovens e adultos. Sua programação se resumia em: recreação, turismo social, biblioteca, apresentações artísticas, desenvolvimento cultural, supletivo, cursos livres, medicina preventiva e odontológica, e outros. Posteriormente na década de 70, influenciados pelos programas franceses, foi criado o projeto das *Escolas Abertas para a Terceira Idade*, cujo programa sustenta-se na proposta de Educação Permanente, e a finalidade é oferecer aos idosos informações sobre aspectos biopsicossociais do envelhecimento, programas de preparação para aposentadoria e atualização cultural, além de atividades físicas e socioculturais (Cachioni, 2001).

Desde então vários programas do gênero foram criados visando a perspectiva do idoso, tais como o NETI - Núcleo de Estudos de Terceira Idade na Universidade Federal de Santa Catarina em 1982; Projeto GAFTI/Grupos de Atividades Físicas para Terceira Idade,

organizado na Universidade Federal de Santa Maria pelo Centro de Educação Física em 1984, que em 1994 deu origem ao extenso programa denominado NIEATI/Núcleo Integrado de Estudos e Apoio à Terceira Idade. Em 1988, surge a Universidade Sem Fronteiras, organizado pela Universidade Estadual do Ceará, o NAI/Núcleo de Assistência ao Idoso na UERJ na década de 80, que posteriormente originou a UNATI/Universidade Aberta à Terceira Idade no Rio de Janeiro.

As pesquisas feitas por Cachioni, 1998 e 2002, possuem estudos detalhados e completos destas experiências, que se transformaram em extensos programas educacionais.

O Estado de São Paulo concentra mais de 37% do total, seguido do Rio Grande do Sul, com 11%, Minas Gerais e Paraná com 10%, Santa Catarina com 9%, Rio de Janeiro com 7%, Bahia com 5%. Os demais estados estão na ordem de 1% (Martins de Sá, 2000).

A PUCCAMP, serviu de modelo para outros programas que surgiram no Estado de São Paulo e em outros Estados brasileiros na década de 90. Inspirada no modelo francês, é constituída sob a perspectiva da Educação Permanente, com uma ação interdisciplinar e um currículo modular integrativo.

Num estudo feito por Erbolato (1996) a respeito da Universidade da Terceira Idade da PUCCAMP, a autora descreve que este programa foi implantado em 1990, fruto de um projeto iniciado pela Faculdade de Serviço Social em 1982. Trata-se de um curso de extensão universitária e de atualização cultural, voltado para pessoas de idade madura e idosas, cujos objetivos visam:

- promover educação continuada a adultos ou idosos, através da universidade, com o intuito de possibilitar sua participação em atividades educativas, sócio culturais, organizativas e de ação comunitária;
- valorizar a contribuição potencial do idoso à comunidade, reinserindo-o socialmente, com ênfase em aposentados e donas de casa;
- consolidar os objetivos sociais da PUCCAMP, realizando um trabalho “interdisciplinar, interdepartamentado” voltada à comunidade.

Além do currículo específico que visa aspectos biológicos do envelhecimento, aspectos psicossociais, socioeconômicos e legais da terceira idade, os discentes podem frequentar as disciplinas dos cursos regulares de graduação ampliando a interação com a comunidade universitária, favorecendo assim atividades intergeracionais. Existem também os cursos optativos como teatro, dança, línguas, estudos teológicos, dando oportunidade do aluno voltar se assim desejar para aperfeiçoamento ou atualização.

Outra experiência educacional bem-sucedida, é a da Universidade de São Paulo, que iniciou seu projeto de Universidade Aberta à Terceira Idade em 1993. Atualmente desenvolve o programa em seus campus na cidade universitária em São Paulo e também em suas diversas unidades, tais como Bauru, Piracicaba, Pirassununga, Ribeirão Preto e São Carlos. São oferecidas vagas em algumas disciplinas na graduação e conta com algumas atividades complementares, ligadas ao lazer, atividades física, turismo, cultura e arte.

De acordo com Erbolato (1995) a proliferação das Universidades da Terceira Idade, juntamente com os movimentos organizados de aposentados, são alguns dos indicadores de que a velhice vem ganhando visibilidade cada vez maior no Brasil. A autora menciona outros fatores que influenciaram tal visibilidade, entre eles: surgimento de grupos de idosos com maior poder de pressão devido a seu nível socioeconômico mais alto; os meios de comunicação de massa que, estabelecendo padrões “jovens” de consumo e atividade, mobilizaram muitos idosos, e a maior divulgação dos conhecimentos sobre o envelhecimento populacional, suas relações com a saúde, e suas conseqüências tanto na prestação de serviços de saúde quanto previdenciários, além das suas implicações no mercado de trabalho.

As instituições do ensino superior particulares são as que mais têm investido nessa área, com 58%, seguidas das estaduais com 17% e das federais com 14% (Martins de Sá, 2000).

Através destas iniciativas educacionais, a perspectiva da educação permanente em Universidades da Terceira Idade tomou novo rumo. Atualmente podemos encontrar dados de pesquisa na literatura que apontam suas contribuições para o bem-estar geral da pessoa idosa, favorecendo o aumento da atividade, do envolvimento social, do engajamento, do senso de auto-eficácia e do bem-estar subjetivo dos idosos. Os programas de educação permanente

oferecidos pelas Universidades passaram a constituir um dos locais preferenciais para a construção da nova imagem da velhice, onde as crenças em relação aos idosos e o envelhecimento podem ser revistas, tanto pelos alunos envolvidos nos programas como pelos profissionais responsáveis pela formação desta clientela. Tornou-se também um local privilegiado para a pesquisa (Cachioni, 1999).



## 2 - POR QUE ADULTOS MADUROS E IDOSOS FREQUENTAM UNIVERSIDADES DE TERCEIRA IDADE?

Segundo Cachioni (1998) os adultos maduros e os idosos procuram cada vez mais por atividades educacionais e programas oferecidos em universidades. O interesse por cursos de línguas, formação profissional e reciclagem é significativo. Em alguns países, como a Suécia e o Japão, as taxas de participação da população na educação de adultos e idosos situam-se por volta de 50%. Tudo leva a crer que o desenvolvimento deste tipo de atividade corresponda, em todo o mundo, a uma forte e firme tendência, capaz de reorientar a educação no seu conjunto, para uma perspectiva de educação permanente.

Para Debert (1999) a visão tradicional da velhice como etapa do curso de vida caracterizada por declínio e ausência de papéis sociais significativos, está tomando novos rumos. São revistos os estereótipos relacionados ao envelhecimento, substituindo-se a visão negativa por uma outra que considera o período da velhice como propício para novas conquistas e pela busca de realizações de satisfação pessoal. Sinal dessas mudanças, nas últimas décadas, foi a criação de muitos programas e projetos sociais e educacionais voltados para idosos, os quais valorizam a busca de auto-expressão, o reforço de identidade e a busca de realização e satisfação pessoal. Mas não podemos confundir a exploração da figura do idoso, sendo utilizada indevidamente pela mídia e agência de publicidade para responder à demanda crescente do mercado na venda de determinados produtos e serviços.

Para que haja uma verdadeira interação entre gerações e que o idoso tenha autonomia e consciência do ser cidadão, é imprescindível uma educação permanente que não só vai significar uma necessidade de renovação cultural, mas também, e sobretudo, uma exigência nova, de autonomia dinâmica dos indivíduos numa sociedade em rápida transformação.

Tendo perdido muitas das referências que lhes fornecia a tradição, as pessoas adultas e idosas precisam recorrer, constantemente, aos seus conhecimentos e capacidades de discernimento para poderem orientar-se, pensar e agir. Todas as ocasiões, todos os campos da

atividade humana devem contribuir para tal, a fim de fazer coincidir a realização pessoal com a participação na vida em sociedade. E a educação, descompartmentada no tempo e no espaço, torna-se uma dimensão da própria vida (Cachioni, 1998).

Segundo Peterson (1990 *apud* Cachioni, 2002) um dos objetivos da educação é propiciar aos adultos maduros e idosos, oportunidade de crescimento pessoal, através do aprendizado de novos conhecimentos e ocupação do tempo livre, trazendo benefícios para o seu bem-estar físico e emocional, sua qualidade de vida e oferecendo oportunidades de contatos sociais. O autor também sugere que a educação para adultos maduros e idosos pode atuar na eliminação do analfabetismo e desenvolver habilidades para resolver problemas atuais, prevenindo futuros.

De acordo com Palma e Cachioni (2002) para o idoso a inclusão num programa educativo não é apenas uma oportunidade de reciclagem intelectual, mas, sim, uma possibilidade de dialogar e participar com seus iguais na construção do seu próprio processo formativo. As autoras apresentam dados de pesquisa sobre os motivos que levam adultos maduros e idosos a procurar e frequentar programas educativos. Citamos alguns a seguir:

- *Burgess (1971)*: 1. Desejo de saber (saber por saber); 2. Desejo de atingir uma meta pessoal (frequentemente orientado à carreira); 3. Desejo de atingir uma meta social; 4. Desejo de atingir uma meta religiosa; 5. Desejo de tomar parte numa atividade social; 6. Desejo de esquivar-se de tarefas ou condições tediosas e desprazerosas; 7. Desejo de cumprir as exigências de uma organização social ou de um empregador.
- *Daniel, Templim e Shearon (1977)*: 1. Desejo de aprender e de envolver-se em auto-enriquecimento; 2. Satisfazer necessidades socioculturais (encontrar pessoas e contribuir para a sociedade).
- *Knowlton (1977); Romanink e Romanink (1982)*: 1. Aprender por aprender e 2. Encontrar novos desafios.
- *Schaie e Quayhagen (1979) e Willis e Schaie (1980)*: 1. Compreender a própria velhice (principalmente no que diz respeito às mudanças biológicas e psicológicas - memória, aprendizagem e, solução de problemas); 2) Educação como forma de compreender as

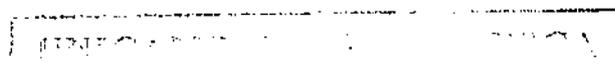
mudanças sociais (enquanto requisito de combate à obsolescência face às novas tecnologias); forma de ajudar a lidar com a perda de controle, reinterpretação da educação passada; efeitos sobre o comportamento pessoal e a mudança social; 3. Educação para a segunda carreira (para enfrentar as mudanças tecnológicas e econômicas); 4. Educação como fonte de papéis pós-aposentadoria mais satisfatórios; 5. Procura de satisfação como foco principal, autodescoberta e exame detalhado de expectativas potenciais e recursos pessoais; necessidade de adquirir novas habilidades e informações.

- No Brasil, Neri (1996) verificou os seguintes motivos em 437 adultos maduros e idosos que frequentavam uma Universidade da Terceira Idade:
  - *Busca de conhecimentos e de atualização cultural*: desejo de completar seu ciclo de educação formal, satisfazendo assim um grande sonho.
  - *Motivos orientados ao self*: busca de oportunidades para o autodesenvolvimento, autoconhecimento, regulação emocional e solução de problemas particulares.
  - *Busca de contato social*: intenção de fazer amigos e procurar companhia, desejo de viver em grupo.
  - *Ocupação do tempo livre*: caminho para compensar a perda de papéis ocupacionais.
  - *Compromisso com a geratividade*: desejo de saber mais para poder auxiliar os entes queridos e os outros idosos na busca por seus direitos.

O envelhecimento bem-sucedido depende de um conjunto de fatores. O fator de ordem econômica é fundamental para promover saúde física e educação ao longo do curso de vida. A promoção de uma melhor qualidade de vida através da educação favorece o seu desenvolvimento e suas adaptações sociais.

Ante os múltiplos desafios deste mundo de mudanças, a educação é o caminho que os pesquisadores concluem para que o idoso tenha nesta etapa da vida qualidade de vida e uma velhice bem-sucedida e é por esta razão que adultos maduros e idosos já há várias décadas procuram Universidades da Terceira Idade.

A França, como já vimos, pioneira na preocupação com a qualidade de vida na velhice, hoje é considerado o país que mais se preocupa com a melhoria da qualidade de vida



dos seus idosos. Comprovaram que os indivíduos que moram na zona urbana, onde o acesso à educação é mais fácil, os velhos vivem mais (Telejornal da TV Bandeirantes - 17.10.02).



### 3 - A NECESSIDADE DE FORMAR PROFESSORES ESPECIALIZADOS EM EDUCAÇÃO PERMANENTE PARA ATENDER O SEGMENTO IDOSO

O estudo sobre o envelhecimento é recente na literatura brasileira. Como ciência é tão novo que seu nome específico – *Gerontologia*<sup>7</sup> é apenas reconhecida no ambiente acadêmico específico da área.

A preocupação com o envelhecimento, ocorrida atualmente, dá-se graças ao grande número de idosos, resultado de vários fatores, tais como: o avanço tecnológico da medicina, a preocupação sociológica com os indivíduos, a educação e a prevenção, dentre outros.

A formação acadêmica de profissionais em gerontologia, é motivo de preocupação pelos cientistas envolvidos na área. Os Estados Unidos, levou 50 anos na criação de programas que visam formar profissionais especializados na área gerontológica. Segundo Cachioni (2002) são quase duas mil universidades que oferecem cursos de graduação e pós-graduação em Gerontologia, sendo aproximadamente 6.000 estudantes que estão se formando anualmente nesta área.

Em função do avanço da gerontologia como campo e pesquisa nas instituições de ensino superior, foi fundada em 1974 a *Association for Gerontology in Higher Education* (AGHE) que é integrada por universidades americanas, e por outras universidades localizadas na Austrália, no Canadá, em Israel, no Japão, na Espanha e no Brasil com o Programa de Pós-Graduação em Gerontologia da UNICAMP (Faculdade de Educação).

---

<sup>7</sup> Campo multi e interdisciplinar que visa à descrição e à explicação das mudanças típicas do processo de envelhecimento e de seus determinantes genético-biológicos, psicológicos e socioculturais. Interessa-se também pelo estudo das características dos idosos, bem como das várias experiências de velhice e de envelhecimento ocorrendo em diferentes contextos socioculturais e históricos. Abrange aspectos do envelhecimento normal e patológico. Compreende a consideração dos níveis de desenvolvimento e do potencial para o desenvolvimento (Neri, 2001).

Em sua pesquisa, Cachioni (2002) apresenta uma relação das universidades brasileiras que oferecem em seus programas formação de profissionais na área gerontológica e geriátrica.

No Brasil a formação acadêmica de profissionais vem ocorrendo juntamente com a evolução dos programas relacionados ao envelhecimento bem-sucedido. Pelo menos cerca de 40 anos vem acontecendo em diversas universidades brasileiras dissertações de mestrado e teses de doutorado, sendo que “ *na década de 1970, observa-se uma produção pontual de teses sobre a velhice, pulverizadas pelas diversas áreas de conhecimento: ciências biológicas, ciências da saúde, ciências sociais aplicadas e ciências humanas. Essa produção vai aumentando gradativamente na década de 1980 e em 1990, ganha maior projeção com a criação e funcionamento dos primeiros cursos específicos de pós graduação em gerontologia e geriatria*” (Martins de Sá, 1996).

Lamento que uma universidade como a UNICAMP que tem notoriedade pelas pesquisas e formação técnica-profissional, nas diversas áreas do conhecimento, não tenha ainda em sua Graduação em Pedagogia, disciplinas que envolvam educação permanente voltada para a idade madura e a terceira idade. Como também, não se interesse em abrir suas portas à uma Universidade da Terceira Idade.

Destacando a necessidade da formação de profissionais que atuem na educação de idosos, Pizzolato (1995) relata em sua pesquisa as dificuldades encontradas pelos professores em lidar com alunos idosos, por desconhecer as características desta faixa etária, quanto aos *déficits* de memória e comportamentos típicos da velhice.

Para Martins de Sá (1996) a formação de recursos humanos na área gerontológica vem se dando, de maneira não-formal, através de seminários, congressos, simpósios, minicursos – eventos de curta duração, promovidos por sociedades científicas, institutos e organizações sociais não circunscritas à escolaridade convencional. Formalmente, são os cursos de extensão universitária e de pós-graduação *lato sensu* (especialização) e *stricto sensu* (mestrado e doutorado) os responsáveis pela capacitação de pesquisadores e de profissionais que prestam serviços junto aos idosos. Apesar dos avanços significativos, a

formação de recursos humanos na área gerontológica, é necessário um referencial que permita explicitar a real inteligibilidade desse processo educacional-gerontológico numa perspectiva epistemológica, de modo a se compreender a lógica imanente ao conhecimento, assim como a racionalidade do currículo enquanto totalidade histórica. Uma totalidade ligada ao movimento e à contradição, apontando para os desafios de um mundo pós-moderno. Ao explicitarmos questões básicas, de uma perspectiva pouco explorada na área da educação gerontológica, pretendemos, numa primeira aproximação ao tema, oferecer elementos para futuras investigações, assim como subsídios à reflexão dos que trabalham com educadores ou formadores de recursos humanos em gerontologia.

À medida que a população idosa cresce em ritmo cada vez mais acelerado, existe necessidade urgente de treinar pessoas que prestem serviços a esta população é cada vez mais patente.

Está surgindo um novo panorama, onde as pesquisas e políticas, ocupam novos espaços; tal como o professor especializado em educação infantil ou em educação especial, exige-se um curso acadêmico (pedagogia), também o profissional, que vai prestar serviços na área gerontológica tem que responder, com competência teórico-metodológica, ético-política, aos grandes desafios do envelhecimento. Conseqüentemente, há que se investir na formação de recursos humanos nesta área.

Martins de Sá (1996), relaciona os detalhes do perfil deste profissional especializado que se pretende formar e os objetivos da educação gerontológica. Este profissional deve que ser capaz de:

- a) apreender, histórica e criticamente, o processo do envelhecimento em seu conjunto;
- b) compreender o significado social da ação gerontológica;
- c) situar o desenvolvimento da gerontologia no contexto sociohistórico internacional, nacional e local;
- d) atuar nas expressões da questão da velhice e do envelhecimento, formulando e implementando propostas para o seu enfrentamento;
- e) realizar pesquisas que subsidiem a formulação de ações gerontológicas;

- f) compreender a natureza interdisciplinar da gerontologia, buscando ações compatíveis na área do ensino, da pesquisa e da prestação de serviços;
- g) estar aberto a mudanças, agindo com criatividade;
- h) zelar por uma postura ética e solidária no desempenho das ações gerontológicas;
- i) orientar a população idosa na identificação de recursos para atendimento às suas necessidades básicas e defesa de seus direitos;
- j) ter competência teórico-crítica, técnico-operativa e ético-política, para uma ação gerontológica que atenda aos requisitos da eficiência, eficácia e efetividade.

O currículo para formação do profissional deverá estar vinculado à realidade da vida humana, concebida como um todo na sociedade, especificamente, referindo-se ao processo do envelhecimento, bem como sua inclusão na sociedade. Esse ser idoso vem com um histórico, em que muitos desafios foram vencidos, fruto de uma época complexa, da carroça ao trem bala da pena a tinteiro ao computador, conceitos morais e éticos se modificando, e mais complexo ainda, é uma população heterogênea, cada qual com sua história.

Para Both (2002) é importante rever o processo educativo, considerando a longevidade transformada como fato novo no desenvolvimento humano. Nesse sentido, os fundamentos e princípios da educação não podem deixar de lado o olhar crítico e emancipador, pondo em questão a natureza ampliada do agir educacional.



## CONCLUSÃO

### A NECESSIDADE DE UMA PEDAGOGIA PARA IDOSOS

*“O conhecimento é uma poderosa fonte de enriquecimento e modulação da inteligência em qualquer época da vida humana.*

*Como o conhecimento não é um produto interno e individual, mas cultural, deve-se considerar as possibilidades de a tecnologia, os meios de comunicação de massa e a escola poderem facilitar ou promover o enriquecimento e a compensação de capacidades cognitivas e motivacionais de pessoas mais velhas” (Neri, 1993).*

A escola, a formação profissional em instituições escolares e o próprio conceito de infância são criações culturais relativamente recentes. A percepção da criança e do adolescente como um ser diferente da pessoa adulta, com características próprias aconteceu a partir do século XVI; começou então a configurar-se uma imagem diferenciada da criança em relação à pessoa adulta, ainda que os limites fossem menos precisos do que hoje.

A escola como instituição com educação formal em que todos tem direito, cujo privilégio é para poucos, faz parte do século XX. No Brasil, e provavelmente em outros países em desenvolvimento, quando se pensa em educação de adultos, vem à mente – alfabetização.

Através da educação podemos melhorar a qualidade de vida das pessoas idosas, na prevenção de certas patologias e hábitos que levam os indivíduos a um sofrimento desnecessário na velhice.

O objetivo de uma pedagogia para idosos, é que ele possa melhorar sua auto-estima, suas relações sociais, conquistar autonomia e auto-determinação subjetiva e social, que se torne mais flexível e aberto à mudanças, e ainda que consiga compreender e lidar com as perdas e transformações características desta fase da vida.

Este modelo também não deve ver os idosos como grupo homogêneo. Cada indivíduo possui suas próprias características de classe social, étnica, gênero, profissão e escolaridade.

Se buscamos compensar as desvantagens, explorar novos horizontes, eliminar desigualdades e produzir compreensão do que significa ser idoso na sociedade, essa educação passa a ser mais crítica e contextualizada e deve levar o indivíduo entender suas limitações e suas possibilidades (Palma e Cachioni 2002).

Convém a esta pedagogia usar práticas mais participativas e ativas, organizadas a partir da experiência e relativas às preocupações da clientela. Não existem manuais e segundo a visão de Sáez (2001 *apud* Palma e Cachioni 2002):

*“a educação é, sim, entendida como uma construção pessoal e social, como um processo de comunicação em que os diversos envolvidos no processo de aprendizagem intercambiam significados acerca daquilo que os preocupa e satisfaz, a partir das próprias necessidades e motivações”.*

O autor sugere três princípios que sustentam a proposta educativa para idosos, que são:

- 1) princípio da atividade: a capacidade de manter-se ativo mediante um processo educativo de ampla cobertura social incrementa a autonomia e a auto-realização. O enfoque da atividade incide não sobre o que a pessoa é, mas sobre o que ela pode ser. O tipo de atividade a ser realizada requer uma decisão livre, autônoma e criativa para que o idoso alcance satisfação pessoal e coletiva.
- 2) princípio da independência: a educação deve preparar o idoso para manter sua independência e autonomia no mais alto grau possível em relação aos laços tradicionais, evitando-se que seja mero receptor passivo das políticas sociais existentes.
- 3) princípio da participação: a pessoa humana é um ser social por definição, e assim, deve ser respeitado seu direito à interação e à participação social. A condição ideal de participação é dada por uma sociedade que não discrimina por nenhum critério, nem por idade, oferecendo a todos os cidadãos as mesmas oportunidades básicas.

Também deverá fazer parte *a avaliação dos objetivos, das práticas e dos resultados destas práticas e dos programas educacionais* dirigidos a adultos maduros e idosos. As instituições e os profissionais da área devem dominar e os conhecimentos sobre educação e velhice já existentes e se atualizar com as novas pesquisas. Qualquer idealização de programa de educação para adultos e idosos deverá ter como referência a educação permanente.

A autonomia, a capacidade de decidir, a independência, a capacidade de realizar algo pelos próprios meios são valores a serem alcançados, pois além de serem indicadores de saúde, identificam idosos considerados bem-sucedidos.

Não é só encorajar a independência e a competência, deve-se investir em adaptações ambientais que dêem oportunidades para o comportamento e tornem o contexto mais estimulador. Sendo estas as motivações fundamentais para tornar o idoso mais ativo, participativo, competente e satisfeito.

Para Moura Borges (2002) as mudanças sociais significativas podem derivar da alteração de conceitos arraigados que, ao preconizar uma postura paternalista e assistencialista, dificultam a inserção do idoso na sociedade. Ao contrário, a busca da consolidação de uma política de direitos, onde o idoso é considerado como um cidadão com direitos deveres, significa investir em sua melhor adaptação social.

Ainda para a autora, defender a idéia de uma gestão participativa aplicada a diferentes empreendimentos que envolvem idosos, como, por exemplo, grupos de convivência, promoção de saúde ou de defesa dos próprios direitos, é importante veículo para o desenvolvimento da cidadania.

Como não temos uma tradição estabelecida nessa direção, não é fácil realizá-la pois existem preconceitos em vários segmentos da sociedade, inclusive entre os próprios idosos.

Segundo Palma e Cachioni (2002) há uma base de conhecimentos sobre educação e sobre velhice a ser dominada por profissionais e instituições que virem a se dedicar à educação de idosos, tendo em vista o maior bem dos idosos e da sociedade. Idealmente qualquer programa de educação para adultos e idosos deve estar referenciado à perspectiva de educação ao longo de toda a vida.



## BIBLIOGRAFIA

BOTH, A. (2002). *Longevidade e Educação: Fundamentos e práticas*. Tratado de Geriatria e Gerontologia. In: E. V. Freitas, L. Py, A. L. Neri, F. A. X. Cançado, M. L. Gorzoni, e S. M. Rocha (orgs.). *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. Editora Guanabara Koogan S.A. Rio de Janeiro, RJ.

CACHIONI, M. (1998). *Envelhecimento bem-sucedido e a participação numa Universidade para a Terceira Idade: a experiência dos alunos da Universidade São Francisco*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação UNICAMP.

\_\_\_\_\_ (1999). *Universidades da Terceira Idade: Das origens à experiência brasileira*. In: A. L. Neri e G. G. Debert (orgs.) *Velhice e Sociedade*. Papirus. Campinas.

\_\_\_\_\_ (2002). *Crenças em relação à velhice e natureza da qualificação profissional do corpo docente de seis modalidades de Universidades da Terceira Idade no Brasil*. Projeto de Qualificação de Doutorado. Faculdade de Educação. UNICAMP.

DEBERT, G. G. (1999). *A Reinvenção da Velhice*. Edusp, FAPESP, SP.

DELORS, J. (2001). *Educação um tesouro a descobrir. Relatório para a Unesco da comissão internacional sobre educação para o século XXI*. 3ªed. São Paulo: Cortez.

ERBOLATO, R. M. P. L. (1996). *Universidade da Terceira Idade: avaliações e perspectivas de alunos e ex-alunos*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, SP.

LIMA, M. P. (2001). *Gerontologia Educacional - Uma pedagogia específica para o idoso. Uma nova concepção de velhice*. Editora LTr, SP.

MARTINS DE SÁ, J. L. (1996). *Dos fundamentos educacionais, filosóficos e epistemológicos à configuração do nível de totalidade de um currículo inovador - A Universidade da Terceira Idade*. PUCCAMP, Campinas.

\_\_\_\_\_ (2000). Extensão universitária na área da gerontologia - produção das instituições brasileiras de ensino superior. *Gerontologia*, 8(2):48-55.

\_\_\_\_\_ (2002). A formação de recursos humanos em gerontologia: Fundamentos epistemológicos e conceituais In: E. V. Freitas, L. Py, A.L. Neri, F. A. X. Cançado, M. L. Gorzoni, e S. M. Rocha (orgs.). *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. Editora Guanabara Koogan S.A. Rio de Janeiro, RJ.

MOURA BORGES, C. M. (2002). Gestão participativa em organizações de idosos: Instrumento para a promoção da cidadania. In: E. V. Freitas, L. Py, A.L. Neri, F. A. X. Cançado, M. L. Gorzoni, e S. M. Rocha (orgs.). *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. Editora Guanabara Koogan S.A. Rio de Janeiro, RJ.

NERI, A. L. (1993)(org.). *Qualidade de vida e Idade madura*. Papirus, Campinas.

NERI, A. L. e CACHIONI, M. (1999). *Velhice Bem-sucedida e Educação*. In: A. L. Neri e G. G. Debert (orgs.) *Velhice e Sociedade*. Papirus. Campinas.

NERI, A. L. e FREIRE, S. A. (2000)(orgs.). *E por falar em boa velhice*. Papirus: Campinas

NERI, A. L. (2001). *Palavras-chave em Gerontologia*. Editora Alínea. Campinas.

PALMA, S. T. L. e CACHIONI, M. (2002). *Educação Permanente como perspectiva para o trabalho educacional com o adulto maduro e o idoso*. In: E. V. Freitas, L. Py, A.L. Neri, F. A. X. Cançado, M. L. Gorzoni, e S. M. Rocha (orgs.). *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. Editora Guanabara Koogan S.A. Rio de Janeiro, RJ.

PEREIRA DA SILVA, F. (1999). *Crenças em relação à velhice, bem-estar subjetivo e motivos para freqüentar universidade da terceira idade*. Dissertação de Mestrado em Gerontologia UNICAMP, Campinas.

PIZZOLATO, C. E. (1995). *Características da construção do processo de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras com adultos da terceira idade*. Dissertação de Mestrado. IEL/UNICAMP.

